

O DISCURSO HOMOERÓTICO NA IMPRENSA ALTERNATIVA DA DÉCADA DE SETENTA: UMA ANÁLISE DO “LAMPIÃO DA ESQUINA”

A VANGUARDIST DISCURSIVITY THAT TAKES PLACE IN BRAZIL IN THE SEVENTIES: AN ANALYSIS OF “LAMPIÃO DA ESQUINA” NEWSPAPER

EL DISCURSO HOMOERÓTICO EN LA PRENSA ALTERNATIVA DE LA DÉCADA DE LOS SETENTA: UN ANÁLISIS DE “LAMPIÃO DA ESQUINA”

Atilio Butturi Junior

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Erechim, BR*

RESUMO: O presente artigo parte das discussões entabuladas na arqueogenealogia foucauldiana acerca do dispositivo sexual e tem como objetivo traçar uma análise do discurso do jornal *Lampião da Esquina*, primeira publicação *gay* de ampla circulação nos centros urbanos com caráter político, defendendo a hipótese da produção de um deslocamento problemático das categorizações sobre a homossexualidade masculina e os sujeitos que dela tomam parte. Inicialmente, apresenta-se uma discursividade vanguardista que tem lugar no Brasil da década de 1970, pautada nos valores da igualdade e da simetria. Adiante, descreve-se a cisão discursiva que o *Lampião da Esquina* promove em relação às publicações homossexuais baseadas em critérios hierarquizantes. Finalmente, parte-se para a análise do próprio jornal, fazendo notar, em suas estratégias discursivas de transformação e assunção positiva de uma nova homossexualidade, a escansão entre uma normalidade masculina e uma "anormalidade" efeminada.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade masculina; dispositivo sexual; *Lampião da Esquina*; hierarquia.

ABSTRACT: This paper starts with discussions presented in foucauldian archaeogenealogy about the sexual device. It aims at outlining a discourse analysis of *Lampião da Esquina* newspaper (the first gay publication of wide circulation in political urban centers), defending the hypothesis of a problematic production movement of categorizations from male homosexuality and subjects who take part of it. Initially, we present a vanguardist discursivity that takes place in Brazil in the seventies, based on the values of equality and symmetry. Thereafter, we describe the discursive division that *Lampião da Esquina* promotes regarding homosexual publications based on hierarching criteria. Lastly, we precede to the analysis of the Newspaper, pointing out its discursive strategies of transformation and positive assumption of a new homosexuality, the separation between a normal male and an effeminate "abnormality".

KEYWORDS: male homosexuality; sexual device; *Lampião da Esquina*; hierarchy.

RESUMEN: Este artículo parte de las discusiones entabladas en la arqueogenealogía foucauldiana acerca del dispositivo sexual y tiene como propósito hacer un análisis del discurso del periódico 'Lampião da Esquina' (primera publicación *gay* de amplia circulación en los centros urbanos, de carácter político), y defiende la hipótesis de que hay un desplazamiento problemático de las categorizaciones acerca de la homosexualidad masculina y los sujetos que de ella forman parte. Inicialmente, se presenta un razonamiento sobre la vanguardia en Brasil de la década de setenta, basado en los valores de igualdad y de simetría. Seguidamente, se describe la ruptura discursiva que 'Lampião da Esquina' impulsa con respecto a las publicaciones homosexuales que se basan en criterios de jerarquía. Por fin, se hace un análisis del periódico en sí, llamando la atención para las estrategias discursivas de transformación y asunción positiva de esa homosexualidad, la escansión entre normalidad masculina y "anormalidad" efeminada.

PALABRAS-CLAVE: homosexualidad masculina; dispositivo sexual; *Lampião da Esquina*; jerarquía.

1 INTRODUÇÃO

Começo este artigo com o recorte de um conto de Caio Fernando Abreu, As quatro irmãs (psico-antropologia fake)¹:

Reza não muito antiga lenda que homossexuais masculinos de qualquer idade ou nação – além de bofé, bicha, tia ou denominação similar – dividem-se em quatro grupos distintos. Seriam na verdade, sempre segundo a lenda, quatro irmãs que atendem por nomes femininos. A saber, e essa ordem arbitrária não implica cronologia nem preferência: Jacira, Telma, Irma e Irene. (ABREU, 1996 [1991], p.22).

* Docente da UFFS; doutor em Linguística. Email: a_butri@yahoo.com.br.

¹ O texto é de 1991 e foi publicado pela primeira vez na Revista *Sui Generis* em março de 1996, entre as páginas 22 e 23. Conforme exige o conto de Caio Fernando Abreu, mantenho o gênero (ao menos gramatical) feminino.

Abreu (1996 [1991]) esclarece a taxionomia: Jaciras são "bichas", "pintosas" e, não raro, "nigrinhas" [sic] e "analfabetas". Telmas são as que "transformam-se" em homossexuais, que interditam a identidade "tragicamente". Irmãs são aquelas que adotam práticas sociais homossexuais, mas que não tomam partido em práticas sexuais afetivas com outros homens: "Estranhamente, não 'faz'." (ABREU, 1996 [1991], p. 23). Finalmente, a quarta irmã é apresentada como um achado recente – "[...] a lenda recentemente incluiu a existência de uma quarta irmã: a Irene." (ABREU, 1996 [1991], p. 23). Irenes seriam "assumidas", mas não "pintosas". Irenes são "tranquilas" e – o que é fundamental – têm "bom nível social".

"Arquetípicas", na medida mesmo em que Platão poderia ser uma Irene, as irmãs de Abreu traem ainda uma disputa e uma axiologia: Jaciras são uma espécie de natureza – "[...] vive Jacira, morre Jacira [...]" (ABREU, 1996 [1991], p. 23), enquanto às outras é garantida uma mobilidade. Por fim, uma desconfiança fundante: Jaciras são acusadoras de um essencialismo, porque conclamam que Irmãs, Irenes e Telmas são "[...] tão loucas quanto elas." (ABREU, 1996 [1991], p. 23). O autor, então, põe em dúvida a divisão, supondo uma concordância com a afirmação das Jaciras, que "[...] talvez tenham razão".

O conto de Caio Fernando Abreu foi escrito e publicado na década de 1990, quando o discurso sobre a homossexualidade já adquiria, no Brasil, uma modelação similar a dos Estados Unidos e Europa Ocidental. Naquele momento, um "[...] reflorescimento do movimento homossexual [...]" (FACCHINI, 2003, p. 32) combinava-se com a expansão de uma nova visibilidade, o "mundo GLS", com suas novas formas de sociabilidade e de tratamento da identidade e da diferença (FRANÇA, 2006, p. 2). Não obstante a exigência de se resistir, o texto de Abreu (1996 [1991]) aponta, axialmente, o movimento duplo de descrição da hierarquia: primeiramente, de distinção entre discursos de efeminização e discursos de masculinização na constituição das formas de subjetivação disponíveis na moralidade recém-codificada; depois, e não menos importante, o apontamento de uma problemática de essencialização dos sujeitos que têm experiências homoafetivas, homoeróticas ou homocorporais a partir da crença/desconfiança de que pode haver um núcleo constituinte, efeminado e "pintoso" em toda prática entre sujeitos de mesmo gênero.

Como estabelecem DaMatta (1997) e Trevisan (1997), essa construção de discursos relacionados ao homoerotismo deve ser pensada segundo o caráter englobante e produtor da masculinidade tipicamente machista do Brasil. Dessa perspectiva, a axiologia desse resto simbólico do qual tomam parte tanto mulheres quanto 'veados' recorre ao papel secundário imputado à efeminização e à passividade para construir essa bricolagem de elementos personificada no homossexual, negativo formado tanto pela imoralidade da mulher mundana e da histórica quanto pela degenerescência do homem libertino, onanista e violento.

Não pretendo, porém, circunscrever os discursos de objetivação e subjetivação relativos à homossexualidade a essa série. No entanto, o que se pretende é descrevê-los como parte fundamental do dispositivo sexual no Brasil atual. Assim, é mister inquirir os diferentes modos pelos quais a grade masculina engendra sua diferença em relação às diversas homossexualidades masculinas, produzindo um discurso negativo relacionado à passividade e à efeminização.

A partir dessa produção histórica de um discurso de negativização, o objetivo deste trabalho é analisar o jornal *Lampião da Esquina*, primeira publicação gay de ampla circulação nos centros urbanos com caráter político e "engajado". Trata-se de notar, na arquitetura discursiva do jornal surgido nos finais da década de setenta do século XX, a assunção de um discurso de positivação das práticas homossexuais e homoeróticas que, no entanto, acaba por escandir uma normalidade masculina e uma "anormalidade" efeminada, segundo uma hierarquia entre centro e periferia, erudição urbana e arcaísmo atávico. Para a análise desses discursos, realizada segundo uma perspectiva foucauldiana (FOUCAULT, 1999, 2009), tomou-se como corpus as edições compreendidas entre abril de 1978 e março de 1979, exatamente o primeiro ano do periódico.

O artigo está dividido em quatro seções. Em A constituição discursiva da homossexualidade, aponta-se, em termos gerais, a escolha teórico-metodológica e o entendimento de uma produção discursiva da categoria

"homossexualidade" e suas variantes. Adiante, em *A homossexualidade na imprensa alternativa brasileira*, mostra-se como o discurso sobre a homossexualidade sofre deslocamentos a partir da imprensa alternativa da década de setenta, cindindo práticas masculinas e efeminadas. Em *O discurso gay: vanguarda e hierarquia*, faz-se a análise das edições do primeiro ano do jornal *Lampião da Esquina*, estabelecendo a hipótese de uma hierarquização discursiva das diferentes homossexualidades. Finalmente, em *Considerações Finais*, ratifica-se a hipótese de que, não obstante a suposta distensão das práticas e dos discursos, houve um deslocamento ainda hierarquizante no que se refere à homossexualidade, separando os sujeitos em mais ou menos normais, de acordo com o lugar que passam a ocupar na nova categorização da dita homossexualidade de vanguarda.

2 A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DA HOMOSSEXUALIDADE

Inicialmente, é mister esclarecer qual o solo discursivo de que se parte para traçar análises acerca da homossexualidade masculina produzida no discurso da imprensa alternativa brasileira da década de setenta do século XX. Seguindo os pressupostos da arqueologia foucauldiana, seria preciso repensar essa homossexualidade e seus enunciados conforme categorias discursivas. Isso posto, sua existência seria possível apenas segundo regras específicas de enunciados e de uma intrincada relação entre saberes, poderes e sujeitos. Assim, no entendimento de "homossexual" ou "homossexualidade", é possível que se entenda que há um solo arqueológico para as discussões contemporâneas sobre a sexualidade a partir da alardeada incredulidade diante das metanarrativas (LYOTARD, 1998 [1979]), relacionado constantemente às discursividades que se apropriam de muitos dos conceitos referenciados na seção anterior.

Butler (1998) problematiza essa espécie de "dívida" pós-moderna², afirmando que os debates sobre feminismo e gênero guardam em comum com as teorias "pós" um posicionamento que reivindica a ubiquidade do poder sobre todas as práticas – inclusive teóricas. No entanto, muitos desses posicionamentos diferem quanto à aceitação de certo niilismo, sobre o engajamento político da crítica e sobre o papel dos sujeitos e sua constituição. Não obstante as divergências, Butler (1998) faz notar que as categorias linguageiras jamais são apenas descritivas e, portanto, são normativas e não universais. É, pois, de um solo de enfraquecimento de ontologias e suplemento que vão se valer os entendimentos de sexo e seus derivados.

Na mesma esteira, Costa (1998, p. 58) reconhece algumas vantagens dessa concepção pós-estruturalista para a teoria:

O reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro dos limites de significado e de representação culturais, os quais por sua vez encontram-se marcados por relações de poder, nos permitiu duas importantes estratégias teóricas e epistemológicas: por um lado, nos forneceu instrumentos valiosos para desconstruir as categorias tradicionais do indivíduo [...] e, por outro lado, nos proporcionou uma maior sensibilidade (forjada pelas experiências da política) para compreender os mecanismos diversificados constitutivos dos diferentes sujeitos no campo social.

Como objeto discursivo, as práticas sexuais, portanto, devem ser descritas, segundo uma economia que diferencia cada um de seus usos e suas respectivas ontologias: pensar a sexualidade, então, significa seguir a regularidade que permite sua aparição e traça suas relações conceituais, táticas e subjetivas. Sob tal égide, conforme Ariès (1985), a contribuição dos estudos "pós" seria a de apontar que a "homossexualidade", longe de uma trans-historicidade, seria uma invenção do século XIX, regulada por um dispositivo que garantiria seu surgimento e legitimação. Destarte, ainda que na Antiguidade ou no período medieval houvesse uma preocupação com as práticas sexuais, essas estavam referenciadas por tecnologias, conceitos e estratégias que não as que emergirão no século XVIII, culminando com o aparecimento de uma "[...] espécie coerente, homogênea, com suas características físicas e sociais" (ARIÈS, 1985, p. 81).

² Uma discussão sobre pós-modernidade já foi realizada em Butturi Junior (2009) e aqui não me estenderei nesse conceito. Cabe, porém, ressaltar que o conceito não diz respeito aos autores já mencionados, mas se refere a transformações na legitimidade dos saberes que amiúde são creditadas a essas teorias e fazem parte de certo glossário básico das teorias de gênero, sexualidade e similares. Ver também Lovebond (1990).

Trata-se, nesse caso, de descrever diferentes modelos ou discursividades que descrevem ou problematizam, de acordo com jogos de linguagem circunscritos e sobredeterminados, as práticas de prazer com sujeitos do mesmo sexo. Metodologicamente, tais posicionamentos de refração das categorias ontológicas e de assunção das discussões sobre a própria sexualidade na modalidade de discurso devem, portanto, partir de gramáticas bastante específicas, que garantem a normatização das práticas e as categorizam. Usar o corpo e ter experiências de prazer e de desejo não são, então, realidades não discursivas. Se, foucauldianamente, então, usar os prazeres no dispositivo resulta em uma pertença e um entendimento da prática social (FOUCAULT, 2009, 1993a, 1993b), esse pressuposto pode ser aproximado de Wittgenstein, nas Investigações Filosóficas (2009), para quem falar uma palavra é já falar uma linguagem. Trata-se de circunscrição a regras que extrapolam o limite das linguagens formais e pertencem à ordem do poder e de suas variáveis.

Essa refração de ordem discursiva exige que se dissolvam, inicialmente, as divisões entre biologismo e culturalismo e, a partir daí, que se postule uma constitutividade entre o aparecimento das categorias de masculino e feminino. Ao invés de se imaginar o "sexo", portanto, é preciso seguir Laqueur (2001 [1992], p. 27) na afirmação de que "O sexo, como o ser humano, é contextual.". Para Laqueur (2001 [1992]) – que segue os ensinamentos foucauldianos – não há um impensado natural masculino e feminino sobre o qual os saberes se debruçam. Pelo contrário, a diferença entre os sexos é constituída por esses saberes. Não se trata de uma negação dos corpos, mas de entender que suas diferenças são tomadas como "realidades" de forma distinta e segundo estratégias de poder-saber restritas e nunca gerais.

A tese fundamental de Laqueur (2001 [1992]) é a de que a ideia moderna de um dimorfismo sexual e de características incomensuráveis entre dois sexos – masculino e feminino – são uma invenção recente. A inversão é mesmo contra-constitutivista: enquanto os construtivistas, até a década de 1990 e em geral, postulavam uma identidade biológica sexual e um epifenômeno social, o gênero, Laqueur (2001 [1992]) infere que tanto sexo quanto gênero são construídos e, portanto, variáveis e táticos.

No discurso sexual, cuja estruturação se dará no século XIX, com o que Foucault (2009) descreve como o "dispositivo", o "aparecimento" do homossexual se dá no interior de uma economia de valorização do masculino em detrimento do feminino e na radicalização do negativo feminino corporificado na produção do sujeito homossexual: passivo, desmesurado, inconstante e tangenciando a anormalidade. Assim, como uma categoria não-ontológica, a homossexualidade passa a existir enquanto responde a urgências históricas e percorre uma série de aparições e transformações ao longo dessa história. Isso significa que não se trata de um objeto transcendental cujo destino já estaria traçado desde a Antiguidade, mas de um conceito formado e transformado de acordo com as preocupações dos saberes e dos sujeitos e as operações maquínicas e discursivas dos poderes.

No Brasil, tais debates sobre a produção do gênero e da sexualidade começaram a ganhar vulto nos finais da década de setenta do século XX, nos discursos do desbunde (HEILBORN, 2004) e na tentativa de positivação das práticas homossexuais tanto na antropologia quanto na literatura. Além desses discursos, também surgem os primeiros movimentos políticos de assunção homossexual e, na sua esteira, a primeiras publicações abertamente "homossexuais" na imprensa. No entanto, cabe notar uma especificidade desses enunciados libertários no Brasil: ao mesmo tempo em que oferecem um ultrapassamento da heteronormatividade excludente, produzem a diferença negativa no interior da própria homossexualidade, que passa a ser escandida em dicotomias que remetem ao normal e ao patológico. É dessa escansão, recortada nos discursos da imprensa gay então surgida, que trata a seção a seguir.

3 IMPRENSA ALTERNATIVA E IMPRENSA GAY NO BRASIL

Na imprensa alternativa brasileira, contraponto da ditadura e inovadora em sua liberdade, surge na década de setenta uma publicação política e cultural voltada e produzida para um novo homossexual, o entendido, o gay. O país já havia contemplado outros esforços de jornalismo gay, mas esses eram apenas "jornalismo de

bicha". Houve o Snob, que trazia em suas edições a agenda dos eventos mais "badalados" e restritos. Houve a Coluna do Meio, no Jornal do Brasil que, não obstante sua polêmica judicial – seu autor, Celso Cury, foi vítima de processo de ampla repercussão –, não passava de um laboratório inicial em que se misturava colonismo social e noticiário miúdo sobre a vida "bicha" nos centros urbanos (TREVISAN, 2010; GREEN, 2000).

Trata-se de uma espécie de teleologia discursiva, que pode ser vislumbrada nas transformações ocorridas na década de setenta do século XX: modificação de uma hierarquia dos papéis de gênero e dos papéis sexuais trazida com os "loucos anos setenta"; no discurso antropológico, um salto qualitativo restrito ao sistema urbano, fazendo notar uma separação entre práticas arcaicas de afetividade e sexualidade, baseadas na hierarquia de um sistema masculino-feminino, e um modelo vanguardista, calcado nos conceitos de simetria e igualdade.

No caso da antropologia, força discursiva importante na conformação dos discursos sobre/da homossexualidade no Brasil, o sistema produzido para inteligir os processos antropológicos sustenta uma divisão entre os homossexuais masculinos: os já conscientes e capazes de subversão e aqueles que, assujeitados por formas arcaicas, acabam – como mesmo apontavam as críticas – por repetir a hierarquia de sexo e gênero. Sob tal égide é que, num texto de 1982, *Da hierarquia à igualdade*, Peter Fry (1982) traçava uma taxionomia das identidades sexuais no Brasil: um sistema popular e interiorano, calcado na incomensurabilidade entre "machos" e "bichas"; um sistema médico, que teria deslocado a distinção entre atividade e passividade para aquelas existente entre homossexualidade e heterossexualidade; um sistema simétrico, que recria a taxionomia média em termos de igualdade e de orientação sexual. Depois de enunciada a taxionomia, Fry (1982, p. 105) assevera:

[...] toda a evidência sugere que a tendência é o modelo hierárquico ceder gradualmente ao modelo igualitário já que este último conta como principais protagonistas não somente a ciência médica e psicoterápica, como também as camadas mais poderosas da sociedade.

Segundo essa intrincada permanência, a tendência teleológica prevê uma "luta" entre o sistema arcaico e o sistema simétrico, visto que o modelo patológico teria sido deslegitimado em sua cientificidade. A estratégia da luta tem como protagonistas justamente aqueles que detêm o poder – nos escritos que discuto até aqui, figuram entre estes os homossexuais urbanos, escolarizados e "conscientes". Atente-se, em ambos os casos, para a divisão entre um tempo da tradição e um tempo da novidade, cujo ponto de deslocamento é a aparição de novas identidades, da ordem monossexual. O aparecimento iluminador de *O Lampião da Esquina*, no final da década de setenta, pode ser lido sob essa égide. Destarte, vista em perspectiva, a imprensa "homossexual" no Brasil é marcada pelo deslocamento que diz respeito a uma afirmação – jamais resolvida – de novas práticas e discursos no interior da homossexualidade. Essa nova imprensa *gay*, então, passa a inscrever-se na série de discursos jornalísticos ditos "alternativos", que costuma ombrear, por exemplo, com o *Pasquim* – a menção ao jornal é constante nos textos do *Lampião*. Ademais, sua estratégia é a de assimilação dos demais jornais – o *Lampião* os divulga – e de produção de um discurso unificado sobre a homossexualidade no Brasil.

Na série de deslocamentos até aqui propostos, é importante observar o surgimento do *Lampião* como uma cesura em relação ao discurso do "modelo colonista social", que pode ser aduzido como o praticado pelo jornal *O Snob*, espécime representativo de uma discursividade que se deveria ultrapassar. Nessa comparação preliminar e não exaustiva, não se deve minorar o curto intervalo temporal que separa as duas publicações – apenas nove anos. O jornal carioca de Agildo Guimarães circulou entre 1963 e 1969, enquanto *O Lampião da Esquina* perdurou entre 1978 e 1981. Além disso, há que se levar em consideração o grau de especialização das duas publicações: *O Snob* teve circulação restrita, suas edições eram mimeografadas e seus textos eram escritos por integrantes de algumas redes sociais homossexuais cariocas, de cunho informal (COSTA, 2010). Já o *Lampião* partiu de uma estratégia de ampla visibilidade, tendo projeto gráfico e

editorial definido, distribuição (relativamente) nacional, tiragem de até dez mil exemplares, além de ter arregimentado a *intelligentsia* homossexual³ de seu tempo.

A cesura entre as publicações diz respeito à emergência do que aqui chamo de discurso monossexual, cuja tentativa de descrição percorre este texto. Assim, evoco a divisão partindo do *Snob*. Nesse jornal, um ostensivo discurso do "terceiro sexo" produz uma identidade paralela em relação aos gêneros e na qual a passividade e a efeminização são "essencializadas". De acordo com Costa (2010), a produção de uma forma de subjetivação "bichal" contempla nomações no feminino, assimilação do modelo de relacionamentos afetivos e sexuais hierárquicos, em que "bichas" e "bofes" designavam elementos incomensuráveis, e, mais profundamente, a assunção de uma ontologia baseada na ligação direta entre homossexualidade e feminilidade.

Todavia, Costa (2010) dá conta de que, em meados da década de sessenta do século XX, o jornal passa a problematizar a identidade invariável, rediscutindo o conceito de "entendido". Se até 1965 o termo subsumia toda a "comunidade" envolvida com o *Snob*, uma modificação importante ocorre com as polemizações de um dos articulistas do jornal, o Pantera, que passa a desconsiderar papéis rígidos nos "casos"⁴ homossexuais. A polêmica gera, então, uma "[...] crise de significação identitária" (COSTA, 2010, p. 82), que exige novas classificações: "bicha", restrita ao modelo passivo/efeminado; "entendido", que traz no bojo a possibilidade de se mover nos papéis; "bofe", também restrito à hierarquia na forma de ativo/"macho", mas que pode ser classificado como "entendido".

Se o ponto nodal dos deslocamentos conceituais do discurso do *Snob* reside nas transformações operadas naquelas identidades que podem ser categorizados como "entendidas", o recrudescimento dos discursos de masculinização e de igualdade é minado pela insistência, por parte de alguns sujeitos, em delimitar a homossexualidade ao espectro da passividade e da efeminização. Assim, ao enunciarem a "verdade" homossexual, esses sujeitos engendram uma espécie de polícia discursiva, responsável por investigar as "mentiras sexuais": os "falsos bofes", que desempenham papéis passivos no intercuro sexual e rompem com as exigências sociais. Um dos textos do jornal descreve a situação prototípica: "[...] de uma bicha que na caça ao bofe só se depara com sujeitos que, mais rápidos do que 'ela', na primeira oportunidade viram-se de bruços para serem penetrados." (COSTA, 2010, p. 84).

Com essa disputa permanente entre os modelos homossexuais, o *Snob* acabará por assimilar o conceito de *gay* apenas em seus dois últimos números, estabilizando sua empresa de assunção vanguardista da identidade monossexual. Ao que parece, porém, a transformação no conceito ainda escondia a tensão entre as identidades, conforme atesta outro depoimento de Agildo Guimarães (apud COSTA, 2010, p. 87):

Na nossa época era bicha e bofe; a diferença do bofe naquela época é que [...] nosso pênis não era tocado [...] Na época, "bicha" era mulher.

Nós tínhamos o cuidado de não encostar o nosso pênis nos bofes. Se o bofe desse para [o parceiro], ele terminava.

Guimarães, então, retoma a narrativa do sucesso: a "influência americana" fez surgir o discurso e as práticas gays, e houve um desligamento "daquela coisa de bicha". Essa história progressiva de aparecimento de uma nova verdade da homossexualidade como abandono da passividade e da efeminização encontrará uma versão mais politizada e "refinada" na década de setenta, quando surge o *Lampião da Esquina* – cujo discurso é objeto da seção seguinte.

³ A *intelligentsia* do *Lampião* contava com os nomes de seu Conselho Editorial – Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Pentead, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Além desses, o jornal contou com a colaboração regional de Caio Fernando Abreu e Glauco Matoso. Como é fácil observar, muitos desses autores ainda fazem parte de uma espécie de "cânone" da discussão sobre as homossexualidades brasileiras.

⁴ "Caso" é um designativo para as relações homossexuais em que há divisão clara entre os papéis sexuais (ativo e passivo) e para as performances do gênero ("bicha"/ "bofe") (COSTA, 2010).

4 O DISCURSO GAY: VANGUARDA E HIERARQUIA

A fim, então, de analisar o aparecimento desse discurso de deslocamento homossexual no campo jornalístico, parto da publicação de *O Lâmpião da Esquina*, jornal "entendido" e politicamente construído conforme a "luta" pelos direitos dos homossexuais como minoria de vanguarda. Para tanto, utilizo como corpus as edições compreendidas entre abril de 1978 e março de 1979, exatamente o primeiro ano do periódico. A primeira edição, o número zero de *Lâmpião*, é bastante explícita em sua vontade de verdade. Assim, no primeiro de seus ensaios, lê-se: "Para se chegar à luz de uma possível 'normalidade', carecemos de conscientização do meio sobre o que seja a verdadeira homossexualidade e, principalmente, de auto-conscientização dos artistas criadores!" (PENTEADO, 1978a, p. 3, grifos meus). Adiante, um texto sobre Lorca é intitulado de "A verdade sobre Lorca", enquanto dois outros títulos dão conta de uma unidade: "O nosso prazer é melhor?"⁵ e "Qual é a nossa⁶ imprensa?". Neste último, o leitor é informado novamente dos sentidos da pertença (o "nosso") à categoria homossexual que busca "[...]" a realidade de uma homossexualidade despida de fetichismo sexual "[...]" (LÂMPIÃO..., 1978a, p. 5).

Mas o que implicava a verdade homossexual normal e não fetichista da pertença? Para o *Lâmpião*, de acordo com a primeira de suas colunas, a destruição "[...]" da imagem-padrão que se faz do homossexual "[...]" (LÂMPIÃO..., 1978a, p. 2). Essa "verdade" é, então, contraposta à produzida por discursos como o do *Snob*, baseada num racionalismo, numa tomada de consciência política e na assunção de uma nova identidade. O jornal, páginas adiante, descreve a transformação

Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. [...] Em verdade, ainda está para ser iniciado o jornalismo homossexual, já que tudo o que tem sido feito até o momento é o que poderia ser chamado de "colonismo social", reflexo exato da corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade, vítima desta discriminação esmagadora, e que continua sendo imposta pelo estilo machista. (LÂMPIÃO..., 1978a, p. 5, grifos meus).

No recorte, é clara a distinção entre os enunciados tradicionais, como os do *Snob*, e a conscientização de uma nova forma discursiva, a ser inaugurada pelo *Lâmpião*. Outrossim, revela-se uma espécie de discurso marxista em que a "ideologia" acaba por inverter e recriar a realidade e os sujeitos. Explico-me: enquanto promessa de transformação radical, a teleologia obedece a um momento de alienação – o modelo hierárquico *bicha-bofe* –, uma tomada de consciência racionalizante e capaz de desmascarar a ideologia (o machismo) e, finalmente, a instituição de uma sociedade sem (classes) gêneros, igual e simétrica. É então que surge o "ideal de homossexual".

Para descrever a aparição desse comunismo de gênero, centrado na produção de um discurso sobre a monossexualidade, postulo a existência de duas séries que perpassam os enunciados do *Lâmpião*: a série de discursos sobre a identidade do homossexual, pautada numa estratégia de assunção política e num *ethos* de refinamento cultural; e a série de discursos sobre a efeminização, restrita a espaços de pastiche no jornal.

Os *discursos da identidade*, como pudemos entrever, são produzidos segundo uma ordem da suplantação do passivo/efeminado. Dessa perspectiva, o jornal produz a nova verdade no homossexual que exige uma reescrita das identidades "pintosas". Um texto de autoria de João Antonio Mascarenhas é didático a esse respeito:

Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está de uma lado, imitando a mulher objeto sexual, a mulher-cidadã-de-segunda-classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado – por deixar de aceitar sua orientação sexual com maturidade (pois a efeminização é evidentemente artificial), acha-se a fornecer

⁵ Textos de Aguinaldo Silva.

⁶ Grifos meus.

argumentos aos machistas, que se negam a admiti-lo como um homem comum [...]. (MASCARENHAS, 1978, p. 9).

Esse texto aparece exatamente depois de uma "reportagem" sobre um artista transformista. Interessante é que até mesmo o automeado travesti⁷, Jorge Alves de Souza, marca uma diferença em relação às "bichas": "Acho um horror esse negócio de uiuiui, aiaiai. Isso é falta de personalidade. Detesto bicha miau." (ALVES apud LAMPIÃO, 1978b) Nos dois textos, há uma negativização do que aqui tenho tomado como "efeminização". No primeiro caso, trata-se de uma "interiorização" ideológica, nos moldes do assujeitamento althusseriano: a forma-sujeito reproduz a ideologia que a torna possível, qual seja, a do machismo que dispõe uma axiologia entre masculino e feminino. Como ideologia, trata-se de naturalizar o que Mascarenhas (1978) aponta como "artificial". No segundo caso, o *ethos* efeminado é expulso do verdadeiro mediante uma estratégia artística: é somente porque o sujeito é constituído como artista que pode, nos limites da encenação não-séria, travestir-se. Nesse caso, o problema está naqueles que, "sem personalidade", permanecem carregando estereótipos.

Em detrimento da efeminização, eis uma solução identitária política e um *ethos* culturalizante. No *Lampião*, a identidade política que constitui a "nova homossexualidade" é também um código de normalização. Dessa perspectiva é que podem ser lidos, por exemplo, os textos que discutem a revista norte-americana *In Touch*, cujo papel revolucionário estaria em retratar os homossexuais a partir da normalidade, ou a normalização requerida por Lacy Brandão, que, no número 6 define, em entrevista, um comportamento homossexual sério, que se possa defender: "Desde que se encare o guei como uma pessoa, um estilo de vida tão digno e sério como qualquer [...]. Mas olha lá. Nada de gay tratando ou agindo como coisa jocosa, que não se dá o respeito. Aquele estilo aiaiai, cheguei! Só serve a quem é contra nós [...]" (LAMPIÃO..., 1978b, p. 11).

Numa assepsia, a produção de uma identidade positiva e séria era ainda estratégica para se ocupar um espaço diante da abertura política brasileira e do aparecimento dos debates das diversas minorias. Organizar-se como movimento homossexual, então, trazia no bojo o imperativo de posicionar-se contra a "ideologia". Ao sabor de certo leninismo, necessitava-se, então, de uma educação moral, a fim de que os sujeitos saíssem de um estado negativo e repressor, a ideologia machista que os produzia como resquício do feminino, e chegassem à virtude de um homossexual masculino e viril, taticamente reinscrito em ontologia.

Lampião, sob tal égide politizante, encarregava-se de fazer notar uma identidade também manifesta como "minorias": a homossexualidade não apenas participa dos diversos debates que ocorrem no Brasil, como dá espaço para que as vozes dos excluídos sejam ouvidas no jornal. No primeiro ano, dedica espaço para o feminismo, para o movimento negro, para o discurso indígena, para os homossexuais "oprimidos" da América Latina e até mesmo para um incipiente discurso ecológico⁸. Seu número 10, publicado em março de 1979, narra com detalhes a primeira semana acadêmica que a USP promoveu, em fevereiro de 1979, justamente para trazer ao debate da Universidade os movimentos sociais emergentes. Entre os representantes dos homossexuais, integrantes do Grupo SOMOS e do *Jornal Lampião*. O cerne da problemática foi textualizado por João Silvério Trevisan (1979): a chamada "luta maior" de classe e contra a opressão da ditadura não poderia ser oposta nem ultrapassar a "diferença" das minorias. Era nessas novas identidades que haveria um "potencial contestador", que não poderia ser restrito a uma unidade como "minorias".

Atente-se, pois, para a confluência entre a formação de uma identidade "séria" e "masculina" – comum e normal – e o papel politicamente revolucionário a se desempenhar. Assim, duas cesuras deveriam ser

⁷ A categoria de travesti aparece de várias maneiras nos textos de *Lampião*, ora como função artística – "X se traveste para o show" –, ora como assunção de uma identidade relacionada a gênero. No caso do artista, os enunciados caminham na primeira direção.

⁸ A aproximação com a ecologia ressurte-se de certos ares ubuescos. Explico-me: na edição número 7, Darcy Penteadó (1978b, p. 11) revela a seguinte teoria, aprendida de João Silvério Trevisan, supostamente um grande leitor dos discursos de vanguarda ecológicos: o domínio ativo e destruidor da Terra era masculino, enquanto a passividade e o cuidado eram atributos do feminino. O homossexual seria uma essência privilegiada, resultante da junção de ambos os atributos e agente da revolução ecológica porvir (!).

realizadas: em relação ao atraso do modelo hierárquico da "fechação"; e em relação ao modelo político da esquerda, incapaz de inferir a amplitude das transformações teóricas e práticas que traziam as "minorias". Essa identidade politicamente vanguardista que atravessa o discurso do *Lampião* também será aproximada de um *status cultural particular*, qual seja, o da apropriação artístico-cultural. Então, vejamos: o jornal conta nesse primeiro ano com algumas seções fixas⁹, dentre as quais tem destaque *Tendências*, responsável pela agenda cultural e por resenhas de diversas manifestações artísticas que versam sobre as homossexualidades. Além disso, um espaço importante é dedicado a entrevistas com personalidades culturais (Norma Bengell, Lecy Brandão, Ney Matogrosso, Lennie Dalle, Manuel Puig) e com textos que versam sobre o cinema de Pasolini, a poesia de Cavafi, o teatro de Albee encenado no Brasil. Estrategicamente, produzia-se um leitor e um novo sujeito moral, não mais disposto a reproduzir a futilidade dos encontros em busca de "bofes" nem o colonismo social. Contra as identidades "alienadas" dos autores e dos leitores, a linha editorial do jornal oferecia tanto uma discussão antropológica e uma série de textos literários, publicados na versão original nas páginas finais do periódico. Já em seu número zero, ao responder um leitor sobre a publicação de ensaios com homens nus, *Lampião* (1978a, p. 14) esclarece: "Quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero [...]".

Não é preciso sequer apontar a polissemia do "gênero" para aduzir uma nova forma de produção de identidades. Essa constituição de um *ethos* cultural tanto para seus autores quanto para seus leitores, entendidos a partir de um mesmo discurso de construção subjetiva, no entanto, ganhou os contornos de uma polêmica justamente na seção *Cartas na Mesa*. Os leitores passaram a se dividir entre os que se apropriavam do discurso monossexual proposto e aqueles que o colocavam sob suspeição. Um dos leitores, que assina como Gide Guimarães, desfere uma crítica paradigmática, que será retomada de diversas formas nesse primeiro ano:

Sinto no ar um cheiro de paternalismo de "bichas esclarecidas" que tentam "compreender" e unir suas vozes às das outras minorias que eventualmente "entram na redação" e que ainda irão entrar. Vocês não acham que o jornal continua a fomentar o estereótipo de que "elas" são mais sensíveis e inteligentes [...] Qual deve ser o QI do leitor lampionesco? (LAMPIÃO, 1978b, p. 17).

Diante dessa forma de crítica, que acusa o jornal de cindir a homossexualidade segundo a ordem da "consciência", o *Lampião*, a partir da edição seguinte, cria uma coluna notadamente camp¹⁰: a *Bixórdia*. É ela quem inaugura o que chamei, precedentemente, de um discurso sobre a efeminização. A primeira coluna cita a carta de Gide Guimarães, invertendo os enunciados e afirmando que é no nome do leitor que reside a tentativa de hierarquização, a que chama de "inconsciente". A *Bixórdia* vai se caracterizar por uma assunção de um *ethos* "típico", marcado pelo uso irrestrito do gênero feminino, pelas notas de "caça" e pela fofoca diária acerca da homossexualidade dos ilustres. A definição inicial da coluna esclarece suas funções:

Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas? (LAMPIÃO, 1978c, p. 12).

Gostaria de ponderar acerca dessa suposição de liberdade, da ordem da mobilidade. Primeiramente, porque *Bixórdia* circunscreve o aparecimento da "bicha" a uma coluna diferencialmente marcada no jornal. Marca-se pelo uso de uma variante informal da linguagem, que poderíamos aduzir rapidamente como "mais estigmatizada", e que não aparece em nenhum outro texto do *Lampião*. Marca-se pela disposição gráfica, sendo a única das seções que aparece diagramada em separado, dentro de uma margem. Marca-se, ademais,

⁹ As seções são: *Opinião*, espécie de editorial que abre as edições; *Esquina*, que apresenta notícias que tangenciam o mundo *gay*, de violência urbana até questões de direitos e liberdades civis; *Reportagem*, que retrata um tema específico ligado à homossexualidade; *Ensaio*, onde figuram textos nacionais e internacionais que versam acerca da identidade homossexual; *Tendências*, subdividida em diversas áreas das artes e do espetáculo; *Cartas na Mesa*, onde circulam as críticas dos leitores e as respostas do jornal.

¹⁰ *Camp*, aqui, deve ser entendido, no caso da homossexualidade e de acordo com a atribuição dada por Susan Sontag, em seu texto de 1964, como "comportamento afetado" ou "exagerado" (LOPES, 2002). Poderíamos falar de "fechação" ou de "dar pinta", conforme os enunciados que circulam no *Lampião*.

pela própria caracterização da multiplicidade, pois os personagens que coloca em sua mistura, conforme citação acima, figuram no limiar da passividade sexual e da efeminização dos comportamentos.

Além disso, *Bixórdia* se constitui como o espaço do pastiche, da paródia dentro do jornal. Seu apelo é da ordem do discurso "livre", não sério, que se pretende além da disciplinarização. É só nesse discurso da alteridade homossexual, da "bicha" como promessa revolucionária que se permite existir. Assim, enquanto o jornal discute a violência contra os homossexuais, a censura política e a legislação que tolhe os direitos da minoria politizada, a seção dedicada à "fechação" permanece um performativo não-feliz: não há regramentos que permitam à *Bixórdia* construir a identidade da nova homossexualidade, pois seu espaço é o de uma contemplação arcaica, de um retorno folclórico.

Finalmente, *Bixórdia* não se assina, prescinde de autoria. Escrita tradicional, de um arquivo sem nome, figura no *Lampião* como um discurso a ser ultrapassado. É um Estado provisório, entre o comunismo ideal e as mazelas da divisão de classes. Uma espécie de concessão temporária para a *lumpem-homossexualidade*, cuja educação está sendo realizada paulatinamente nas demais páginas da publicação, de acordo com uma ordem incomensuravelmente distintiva: monossexual, igualitária, culta.

Assim, os deslocamentos descritos neste artigo finalmente podem oferecer alguns pontos de entendimento acerca das modificações que se operaram no discurso da/sobre a homossexualidade e, nessa esteira, do que aconteceu com a passividade e a efeminização. Transformadas estrategicamente em ontologia homossexual masculinizantes, as homossexualidades terão ganhado, é certo, visibilidade, e conseguido romper com muitos dos discursos da anormalidade, da patologia e da exclusão – do abandono do uso da palavra "homossexualismo" até a ausência do "homossexualismo" no rol das doenças do INPS. Da formação, em 1978, do primeiro grupo de homossexuais, o SOMOS, passando pelo discurso político do *Lampião da Esquina* e pela assunção de uma identidade *gay* (*guei*¹¹), os primórdios de auto-escritura e de organização, todavia, traziam no bojo as marcas do dispositivo: os discursos dessa "nova homossexualidade", ainda que taticamente capaz de engendrar outras formas de objetificação e de subjetivação, mostraram-se presos à necessidade de discutir uma natureza comum para aqueles que eram excluídos e, num outro movimento, continuaram instituindo uma cisão entre o verdadeiro e o falso para as homossexualidades urbanas, contemporâneas ou vanguardistas.

Não obstante a tentativa de informar acerca de um novo padrão de comportamento e de identificação urbanos, que incitavam à igualdade entre parceiros e uma reclassificação desses como "entendidos" ou "*gays*", como se viu nesta seção, o que se aduz é uma incapacidade de assimilar os discursos e as práticas da passividade e da efeminização, que passaram a ser vistos como uma série inequivocadamente perigosa. Aos moldes gideanos de produção de um modelo viril, culto e masculino de homossexual, deu-se uma cisão entre a entidade natural-psicológica social integrada, chamada "o homossexual" (ou entendido, ou *gay*), e variações mais ou menos próximas da normalidade, de acordo com o *pathos* dos sujeitos envolvidos e as relações travadas entre eles (COSTA, 1992).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambigualmente, o mesmo discurso de assunção homossexual surgido nos finais da década de setenta do século XX no Brasil, e que se pretendia libertador, funcionava de acordo com um deslocamento do próprio dispositivo sexual, permitindo o aparecimento de outros objetos, conceitos e formas de subjetivação. Nas tentativas de apagamento da "bicha" e da hierarquização dos papéis sexuais, a assunção de uma nova forma de subjetivação e de novas possibilidades de discurso sobre/da homossexualidade produziu novos discursos,

¹¹ "Guei" é a grafia que os membros/autores do *Lampião* utilizavam para supostamente reescrever no Brasil a nova lógica sexual igualitária norte-americana. Para os autores, além da aproximação, o fundamental da reescrita era o "esvaziamento" do significante, que já não servia de identificação com o modelo internacional e nem garantia uma estabilização para a homossexualidade brasileira. Essa discussão encontra-se num texto de Aguinaldo Silva, nestes termos: "LAMPIÃO bagunçou o coreto, traduzindo-a para **guei**, que significa **absolutamente nada!**" (SILVA, 1978, p. 5, grifos do autor).

que recobriam diferencialmente as práticas passivas e o ethos efeminado na geração do "desbunde" – caracterizada na antropologia pela liberalização vanguardista das práticas afetivo-sexuais (HEILBORN, 2004). Esses discursos passavam a identificar uma série de comportamentos considerados inferiores pela obsessante, a partir de então negada – como no Lâmpião da Esquina –, mas precípua no discurso sobre/da homossexualidade. Tais comportamentos tomados como negativos passam a congregiar tanto uma prática sexual passiva quanto uma configuração do ethos dito efeminado, que, embora não excludentes, nem sempre necessitavam de uma aparição simultânea.

Numa crescente identificação positiva dos "gays", dos "entendidos" e seus avatares, certamente não é essa exclusão a única das séries de discursos existente. Como se pode notar, porém, ela tem força estratégica na produção da diferença no interior do discurso sobre/da homossexualidade. Dito de outro modo, o deslocamento do dispositivo, que permitiu o surgimento de uma identidade positiva, trouxe no bojo uma hierarquização no centro dessa identidade, separando um universo de práticas entre homens iguais e viris e, de um outro lado, incomensurável, uma nova fauna periférica: menos normal, mais invertida, ainda circunscrita ao regime de prazer hierárquico.

Sob tal viés e a guisa de conclusão, é possível retomar o texto de Caio Fernando Abreu, que abria este artigo: as Jaciras passam a ser denegadas, circunscritas discursivamente ao universo dos párias (homo) sociais vigentes. Perversamente, o deslocamento mais importante se realiza em outra instância: é a própria hierarquização que é apagada, silenciada. No discurso da identificação e da teleologia, no interior da "vanguarda homossexual", não se permite o "atraso" das mentalidades, justamente porque os papéis sexuais foram transvalorados e porque o iluminismo dos corpos transfigurou os sujeitos em masculinidade. A Jacira passa ao reino do pastiche e do fantasmático.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, P. ; BÉJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. Trad. Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 77-92.
- BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 11, p. 11-42, 1998.
- BUTTURI JUNIOR, A. *Metafísica e discurso: Pêcheux, Foucault e a pós-modernidade*. São Carlos, SP: Pedro e João, 2009.
- COSTA, C. de L. O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (com)texto. In: PEDRO, J.M.; GROSSI, M. P. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 57-90.
- COSTA, R. da S. M. da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal O Snob (Rio de Janeiro, década de 1960). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 61-92, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewPDFInterstitial/2059/1611>>. Acesso em: 27 set. 2011.
- DAMATTA, R. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997. p. 31-49.
- FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003.
- FRANCA, I. L. "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online], São Paulo, n. 60, p. 104-115, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 dez. 2009.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

- _____. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. Não ao sexo rei. In: _____. *Microfísica do poder*. 11. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993a. p. 229-242.
- _____. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. 11. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993b. p. 243-276.
- FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HEILBORN, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Editora Lampião, ano 1, n. 0, abr., 1978a, 16 p.
- _____. Rio de Janeiro: Editora Lampião, ano 1, n. 4, nov. 1978b, 15 p.
- _____. Rio de Janeiro: Editora Lampião, ano 1, n. 6, nov. 1978c, 15 p.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2001.
- LOPES, D. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MASCARENHAS, J. A. Sobre tigres de papel. *Lampião*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, ago./set. 1978.
- PENTEADO, D. Ensaio. *Lampião*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, p. 3, abr. 1978a.
- _____. Homossexualismo e ecologia. *Lampião*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 11, dez. 1978b.
- SILVA, A. As palavras: para que temê-las? *Lampião*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 5, jul./ago. 1978.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. revista e ampliada. São Paulo: Record, 2010.
- TREVISAN, J. S. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997. p. 51-91.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido em 25/08/12. Aprovado em 17/09/12.